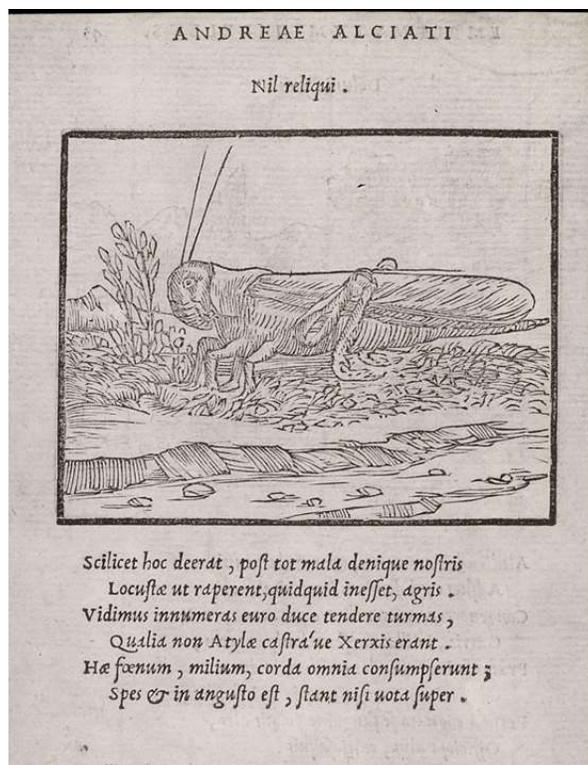


“NOTÍCIA ILUSTRADA” DE UMA PRAGA DE GAFANHOTOS NO SÉCULO XVI - OS  
LIVROS DE EMBLEMAS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL

Filipa Araújo<sup>1</sup>



*Nada resta*

*Depois de tantas desgraças, só nos faltava que viessem os gafanhotos, para roubar o que resta nos nossos campos. Vimos as suas hostes inumeráveis a espalhar-se sob o comando do Euro, não eram mais numerosas as tropas de Átila ou de Xerxes. Estas criaturas consumiram o feno, o milho e todos os cereais tardios. A esperança está num beco sem saída, a não ser que as nossas preces nos salvem.*

Alciato, A. (1546). *Emblematum libellus*. University of Glasgow Library, Special Collections (Sp Coll SM29). Fonte: [https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm29\\_F3v](https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm29_F3v)

Chega-nos do século XVI este testemunho referente a uma devastadora praga de gafanhotos, escrito em versos latinos e acompanhado de uma expressiva gravura. Foi colhido numa coletânea que alcançou um extraordinário sucesso editorial, num período precoce do desenvolvimento das técnicas de impressão de gravuras. Trata-se do livro publicado pelo jurista milanês André Alciato (1492-1550), que ficou conhecido por ter

<sup>1</sup> Investigadora contratada no âmbito da linha de pesquisa “Camões, muda poesia e emblemática”, desenvolvida no Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (Instituto de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra) e financiada pela FCT através do projeto UIDP/00150/2020.

inaugurado uma nova tipologia literária: o emblema. Este formato era constituído, geralmente, por três elementos: um mote, uma imagem e um texto poético.

A primeira edição da obra saiu dos prelos de Steyner em 1531, na cidade de Augsburg, com 104 emblemas. À medida que se confirmava a sua popularidade entre os leitores, o autor foi introduzindo novas composições (até ao total de 212) e o livro atraiu o interesse de outras editoras de renome em Paris, Veneza, Lyon e Antuérpia. Esta obra tornou-se, portanto, uma das obras mais difundidas em toda a Europa Moderna, com grande impacto nas Letras e nas Artes, como se verificou também em Portugal (Araújo, 2014).

Alciato compôs os seus emblemas a partir de fontes da Antiguidade, recorrendo igualmente a informações colhidas nos bestiários e herbários medievais, nos livros de fábulas e nas coletâneas de hieróglifos. Deste modo, as composições propunham uma leitura simbólica do universo, de modo a comunicar uma determinada lição moral através de “signos mudos”.

O emblema em análise foi introduzido na edição veneziana de 1546, o que fortalece a hipótese de que o autor, neste caso pontual, tenha sido influenciado pelo impacto devastador da calamidade que acabara de assolar a sua região natal, por isso recorre à primeira pessoa do plural para exprimir a voz coletiva. O comentador Laurentius Pignorius chega ao detalhe de precisar a data de 28 de agosto de 1542 como auge da catástrofe (Alciato, 1621: 550). Recorrendo a alegados relatos de historiadores não identificados, os intérpretes do emblema confirmam a invasão de uma nuvem de animais (Alciato, 1621, p. 549), mas não deixam de apontar os pontos de contacto com a tradicional descrição da oitava praga do Egito (Êx. 10.1-20).

Reconhecendo a utilização de formas convencionais no tratamento deste tema de longa tradição, cremos, ainda assim, que esta composição convida a averiguar se é válida a informação sobre a origem oriental da praga. Nesta perspetiva, importa recorrer à historiografia, e particularmente, aos estudos ambientais, para validar esta notícia sobre a existência de uma praga de gafanhotos no norte da Itália, suas consequências e sua proveniência. Os registos contemporâneos confirmam que houve uma invasão de *locustae* a partir dos últimos dias de agosto de 1542, apontam o leste da Europa como origem e mencionam a influência do vento na propagação da ameaça (Camuffo & Enzi, 1991). Este exemplo sugere, pois, que um estudo sistemático dos livros de emblemas

poderá contribuir efetivamente para a história ambiental do século XVI, nomeadamente através da reconstituição da ocorrência de pragas de gafanhotos, fatores e impactos.

Além disso, parece-nos igualmente oportuno salientar a informação sobre as colheitas devastadas pela praga. O *milium* aqui referido corresponde a uma planta gramínea tipicamente europeia, vulgarmente conhecida como milho-painço (*panicum italicum* ou *setaria italica* na classificação de Lineu). É uma das variedades de grão descritas pelo naturalista Plínio Antigo (HN 18.10) como uma cultura de verão na Itália, muito vulnerável ao ataque dos pássaros. A mesma fonte romana enumera os cereais a plantar no inverno, nomeadamente o trigo (*triticum*) e a cevada (*hordeum*). Seriam estes os “cereais tardios” visados no emblema?

Importa, finalmente focar o olhar na *pictura* deste emblema, que foi sofrendo alterações significativas nas diferentes edições<sup>2</sup>. Qual o grau de precisão anatómica desta gravura? É possível identificar a espécie? Os comentadores, alegadamente com base em fontes contemporâneas, descrevem a praga como uma nuvem de insetos, que tinham o comprimento de um dedo humano, ventre distendido e antenas (Alciato, 1621, p. 549). Citam também autores clássicos, num comentário que junta autoridades de várias áreas, nomeadamente naturalistas, historiadores e poetas.

Torna-se, assim, evidente que Alciato recorreu a um diversificado manancial para compor os seus emblemas, legando um eloquente testemunho da sua visão humanista do universo. O estudo dos *Emblemata* e do seu legado cultural implica, pois, uma metodologia que convoca a intervenção de diferentes áreas científicas, com base num diálogo verdadeiramente interdisciplinar.

### Referências bibliográficas:

- Alciato, A. (1546). *Emblematum libellus. Nuper in lucem editus*. Venetiis, Aldus. Disponível em [https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm29\\_A1r](https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm29_A1r)
- Alciato, A. (1621). *Emblemata*. Padua, Petro Paulo Tozzi. Disponível em <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/books.php?id=A21a&o=>
- Andenmatten, A. (2017). *Les Emblèmes d' André Alciat. Introduction, texte latin, traduction et commentaire d' un choix d' emblèmes sur les animaux*, Bern, Peterlang.
- Araújo, F. (2014). *Verba significant, res significantur. A receção dos Emblemata de Alciato na produção literária do Barroco em Portugal*, Coimbra, Tese de Doutoramento, disponível em <http://hdl.handle.net/10316/26492>.
- Camuffo, D., Enzi, S. (1991), Locust invasions and climatic factors from the Middle Ages to 1800. *Theor Appl Climatol* **43**, 43–73. <https://doi.org/10.1007/BF00865041>.

<sup>2</sup> Na edição lionesa de 1550, prefere-se uma visão panorâmica com os insetos soprados pelos ventos e na versão de 1621 reproduz-se uma nuvem de gafanhotos a invadir o campo de cereais.

Green, H. (1872). *Andrea Alciati and his Book of Emblems. A Biographical and Bibliographical Study*, London, Trübner.

**Como citar:** Filipa Araújo – ““Notícia ilustrada” de uma praga de gafanhotos no século XVI - os livros de emblemas como fonte para a história ambiental” [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2021. Disponível em <http://www.reportha.org/en/news/item/661-naturae-theatrum-et-mundum-thetheatre-of-nature-and-the-world-o-teatro-da-natureza-e-o-mundo>.